



PEQUENA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DO PARQUE ESTADUAL DO PICO DO PAPAGAIO, AIURUOCA, ESTADO DE MINAS GERAIS

W. D. D'Carvalho ¹

T. G. B. Moreira ²

1-Mestrando do Programa de Pós - graduação em Biologia Animal, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rod. Br465 Km47, Instituto de Biologia, 23890 - 000, Seropédica, RJ.

e - mail: wdouglas@ufrj.br

2-Discente de Zootecnia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rod. Br465 Km47, Instituto de Zootecnia, 23890 - 000, Seropédica, RJ.

e - mail: thais_glaucia@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Pouco se tem conhecimento sobre a fauna de mamíferos no sudeste do Brasil. A fragmentação da floresta afeta a fauna de diversas formas, principalmente pela criação de populações pequenas e parcialmente isoladas. Como consequência, a migração e a recolonização dos fragmentos nem sempre é possível, aumentando o endocruzamento e podendo levar as populações à extinção. Populações locais com densidades naturalmente baixas, dieta restrita ou que requerem grandes áreas de uso têm maior probabilidade de extinção (Emmons, 1984).

A resultante redução dos habitats naturais tornou - se, então, a principal responsável pelo declínio da fauna silvestre no Estado, sobrepujando, inclusive, a ação da caça predatória. De um modo geral, esta é a tendência que se estabeleceu a nível mundial (Mittermeier e Baal, 1988). Com o objetivo da conservação do ecossistema é que Unidades de Conservação são criadas. Estas estão isoladas, como nos parques nacionais e estaduais, freqüentemente falham na conservação de todos os elementos da biota natural, especialmente com relação aos grandes mamíferos (Newmark, 1995).

O Parque estadual do Pico do Papagaio foi criado, pelo Governo de Minas Gerais, sob o decreto n^o 39.793, de 5 de agosto de 1998. Esta Unidade de conservação possui 22.917 ha. Atualmente nenhum estudo referente à conservação foi feito na área do Parque. Dados sobre a região foram encontrados em trabalhos não relacionados ao tema aqui discutido (Silva, *et al.*, 008; Franco - Delgado e Bernardes - de - Oliveira, 2004). A área é considerada prioritária para a conservação de mamíferos do Estado de Minas Gerais (Drummond *et al.*, 005), por estar próxima do Parque Nacional do Itatiaia e do Parque Estadual do Ibitipoca, tornando -

o de extrema importância para a constituição de corredores ecológicos na Serra da Mantiqueira.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi verificar parcialmente, quais espécies de mamíferos ocorrem no interior do Parque Estadual do Pico do Papagaio, através de métodos diretos e indiretos para identificação de mamíferos.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho de campo foi desenvolvido na porção norte do Parque Estadual do Pico do Papagaio, localizado na cidade de Aiuruoca, Estado de Minas Gerais, nas coordenadas de 21^o58'23" de latitude sul e 44^o44'35" de longitude oeste. A altitude varia de 1.350 a 2.200 m. O clima, na classificação de Köppen é mesotérmico úmido do tipo Cwb, tropical de altitude, com verões suaves. A temperatura do mês mais quente é inferior a 22^oC, a temperatura média anual varia entre 18^oC e 19^oC e a média anual de precipitação pluviométrica é da ordem de 1.400 mm. Os meses mais chuvosos correspondem a dezembro, janeiro e fevereiro e as menores precipitações ocorrem em junho, julho e agosto. Na região predomina o Latossolo Vermelho - Amarelo. A área do Parque totaliza 22.917 ha, abrangendo os municípios de Aiuruoca, Baependi, Itamonte, Pouso Alto e Alagoa, sendo que 15% de sua área estão dentro do Município de Aiuruoca.

Quatro trilhas na porção norte do Parque foram percorridas durante janeiro e fevereiro de 2009. O tamanho das trilhas variava de 4 a 10 km e eram percorridas durante todo o dia. Cada trilha foi percorrida uma vez por semana, sendo que os

pontos já amostrados, onde já foram identificados animais, não eram considerados. As trilhas se distanciavam uma da outra na distância de quatro quilômetros, onde duas (T2 e T3) estavam inseridas dentro de mata fechada e duas (T1 e T4) em vegetação de transição para o cerrado (Silva, *et al.*, 008). Como métodos de identificação das espécies foram utilizados a visualização direta e indireta, com avistamentos e identificação de pegadas, respectivamente. A cada avistamento, foram anotados a espécie, a data, a hora, o ponto da trilha, o tamanho do grupo e eventuais comportamentos observados segundo as categorias de Peres (1999). Os rastros encontrados foram identificados através do guia de pegadas (Becker & Dalponte, 1999).

RESULTADOS

Durante as incursões a campo foram identificadas 41 pegadas e feitas 14 visualizações. No transcorrer do trabalho de campo foi possível identificar, através destas duas metodologias, 13 espécies de mamíferos, pertencentes a sete famílias diferentes. Kerber *et al.*, (2008) encontraram 19 espécies de mamíferos, distribuídos em seis ordens e 12 famílias, em estudo realizado em Mata Ciliar no Rio Grande do Sul, durante nove meses utilizando a mesma metodologia deste trabalho. Neste levantamento foi obtido um esforço de campo de 120 horas, sendo percorridos em torno de 180 quilômetros de trilhas.

As espécies, em suas respectivas famílias, identificadas através de pegadas foram: Canidae: *Cerdocyon thous* e *Chrysocyon brachyurus*; Felidae: *Puma concolor*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus tigrinus* e *Herpailurus yagouarundi*; Procyonidae: *Procyon cancrivorus* e *Nasua nasua*; Mustelidae: *Eira Barbara*; Dasypodidae: *Dasyopus novemcinctus* e *Euphractus sexcinctus*. Os animais identificados através de visualizações foram: Canidae: *Cerdocyon thous*; Dasypodidae: *Dasyopus novemcinctus*; Callitrichidae: *Callithrix* sp; Atelidae: *Alouatta fusca*.

A ordem com maior número de espécies foi a Carnívora (nove espécies), seguida por Xenarthra e Primates (duas espécies cada), não corroborando com o encontrado por Geise *et al.*, (2004) para o Parque Nacional do Itatiaia, onde os autores encontraram maiores riquezas para as ordens Rodentia, Carnívora e Didelphimorphia, no caso os autores utilizaram quatro metodologias diferentes. Estes achados também discordam dos achados de Cherem e Perez (1996) para o Município de Três Barras, SC, onde os autores encontraram como ordem com maior número de espécies, a Rodentia, utilizando - se de quatro metodologias diferentes. Do total, nove espécies foram confirmadas somente pela presença de pegadas, duas somente por visualizações e duas por ambas metodologias.

Com relação às pegadas, a espécie *Dasyopus novemcinctus* foi a espécie com maior número de registros (21,87%), seguida de *C. thous* (14,63%), *E. sexcinctus* (14,63%), *C. brachyurus* (9,75%), *N. nasua* (7,31%), *P.*

cancrivorus (7,31%), *L. tigrinus* (7,31%), *E. barbara* (4,87%), *L. pardalis* (4,87%), *H. yagouarundi* (4,87%) e *Puma concolor* (2,43%). Em relação às visualizações, a espécie mais vista foi o *Callithrix* sp. (50%), seguida de

A. fusca (28,57%), *D. novemcinctus* (14,28%) e *C. thous* (7,14%).

Dentre as trilhas, onde foram realizados os transectos, T2 e T3 foram a que apresentaram os maiores riquezas, 11 e 13 espécies cada, respectivamente. As trilhas T1 e T4 apresentaram a menor riqueza de espécies com seis e cinco espécies cada, respectivamente. Esta variação na riqueza de espécies também foi observada por Olifiers *et al.*, (2007) no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, os quais observaram variações consideráveis na composição de espécies, mesmo numa escala local, onde espécies distintas foram capturadas em transectos de uma mesma localidade de amostragem. A fauna dos campos de altitude, por exemplo, é particularmente distinta quando comparada com a de áreas de floresta, assim como ocorre em outras áreas da Mata Atlântica (Cunha *et al.*, 003). Apesar de as distâncias entre os transectos não serem grandes (variação de dois a 17 km), houve uma diferença nos índices de diversidade, provavelmente pela quantidade de cobertura vegetal em cada trilha. A área do Parque está em uma zona de transição, do Bioma da Floresta Atlântica para o Cerrado. Este levantamento foi feito em quatro trilhas diferentes, sendo duas em área aberta com árvores esparsas e duas em área de mata fechada. A diferença de diversidade apresentada neste estudo, sob estas condições, pode ser devido a diferença de estrato arbóreo apresentada pelas trilhas.

As espécies encontradas neste estudo representam 5% das espécies de mamíferos da Floresta Atlântica, sendo o Bioma mais representativo desta Unidade de Conservação. Segundo o estado de conservação destas espécies, quatro (*C. brachyurus*, *P. concolor*, *L. pardalis*, *L. tigrinus*) são classificadas como espécies vulneráveis e uma (*Alouatta fusca*) é classificada como criticamente em perigo (Chiarello, *et al.*, 008).

Para esta Unidade de Conservação não se tem notícia de levantamentos de mastofauna realizados em qualquer época. Outras espécies de mamíferos não registradas neste estudo devem ocorrer na região. O levantamento realizado aqui foi preliminar e curto, sem levar outros métodos como: microscopia de pêlos, armadilhas fotográficas, *pitfall* e armadilhas de captura. Dentre os métodos mais utilizados para amostragem de mamíferos, podemos citar: consultas bibliográficas e museológicas; capturas com gaiolas, *pitfall* e redes - de - neblina; busca de evidências diretas (p. ex. visualizações, vocalizações) ou indiretas (p. ex. pegadas e fezes); e, mais recentemente, armadilhas fotográficas (Voss e Emmons, 1996). Estudos mais detalhados e completos devem ser feitos, visando a identificação das espécies ocorrentes na região.

CONCLUSÃO

Infelizmente o Parque Estadual do Pico do Papagaio ainda não foi amostrado. É uma região de grande interesse, por ser uma área de transição, podendo - se encontrar áreas de cerrado e de Floresta Atlântica Ombrófila Mista e campos de altitude. Estudos posteriores devem ser feitos na área por ser um remanescente de Floresta Atlântica muito importante para a região. Diversos afluentes do Rio Grande nascem na região e o Parque está próximo a outras duas

unidades de conservação. Ter conhecimento da fauna e flora que ocorrem na região pode trazer benefícios para a construção dos corredores ecológicos da Serra da Mantiqueira, integrando três grandes Unidades de Conservação. É necessário um plano de manejo para o Parque que vem sofrendo com turismo desorganizado, descumprimento da Legislação Ambiental e Florestal brasileira e especulação imobiliária.

REFERÊNCIAS

- Becker, M & Dalponte, J.C. 1999. Rastros de mamíferos silvestres brasileiros - um guia de campo. Brasília: Ed. UnB. 180pp. Cherem, J. J.; Perez, D. M. 1996. Mamíferos terrestres de floresta de araucária no município de Três Barras, Santa Catarina, Brasil. Biotemas 9 (2):29 - 46. Chiarello, A. G.; Aguiar, L. M. S.; Cerqueira, R.; Melo, F. R.; Rodrigues, F. H. G.; Silva, V. M. F. 2008. Mamíferos ameaçados de extinção no Brasil. 203 p. In: Machado, A. B. M.; Drummond, G. M.; Paglia, A. P. (Ed.). Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. MMA, Brasília, DF, 1420 p. Drummond, G. M.; Martins, C. S.; Machado, A. B. M.; Sebaio, F. A.; Antonini, Y (Org.). 2005. Biodiversidade em Minas Gerais. Biodiversitas, Belo Horizonte. p. 44 - 54. Emmons, L. H. 1984. Geographic variation in densities and diversities of non - flying mammals in Amazonia. Biotropica, 16:210 - 222. Franco - Delgado, S. G.; Bernardes - de - Oliveira, M. E. 2004. Amnonaceae e Lauraceae da formação entre - córregos (Paleógeno) na bacia de Aiuruoca: implicações paleoclimáticas. Revista Brasileira de Paleontologia 7 (2):117 - 126. Geise, L.; Pereira, L. G.; Bossi, D. E. P.; Bergallo, H. G. 2004. Pattern of elevational distribution and richness of non volant mammals in Itatiaia National Park and its surroundings, in southeastern Brazil. Braz. J. Biol., 64 (3B):599 - 612. Kerber, L.; Koenemann, J.; Ávila, M. C. N.; Teixeira, M.; Dornelles, R.; Oliveira, E. V. Levantamento de mamíferos não - voadores em uma área preservada de mata ciliar na fronteira oeste do Rio Grande do Sul e aspectos sobre o atual estado de conservação.
 Caderno de Pesquisa, série Biologia 20 (2):48 - 62. Mittermeier, R.A.; Baal, F.L. 1988. La primatologia en Latinoamérica. World Wildlife Found, Washington, D.C. 610pp. Newmark, W. D. 1995. Extinction of mammal populations in western North American national parks. Conservation Biology 9:512 - 526. Olifiers, N.; Cunha, A. A.; Grelle, C. E. V.; Bonvivino, C. R.; Geise, L.; Pereira, L. G.; Vieira, M. V.; D'Andrea, P. S.; Cerqueira, R. 2007. Lista de espécies de pequenos mamíferos não - voadores do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. In: Cronemberger, C.; Viveiros de Castro, E. B. (Org.). Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos. Brasília: Ibama. Peres, C.A. 1999. General guidelines for standardizing line - transect survey of tropical forest primates. Neotropical Primates 7 (1):11 - 16. Silva, M. A.; Mello, J. M.; Scolforo, J. R. S.; Júnior, L. C.; Andrade, I. S.; Oliveira, A. D. 2008. Análise da distribuição espacial da candeia (*Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish) sujeita ao sistema de manejo porta - sementes. Cerne, Lavras 14 (4):311 - 316. Voss, R. S.; Emmons, L. H. 1996. Mammalian diversity in Neotropical lowland rainforests: a preliminary assessment. Bulletin American Museum Natural History, 230:1 - 115.